



Simônides 543 Page: o lamento de Dânae

Tradução de Rafael Brunhara¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v5i1.11246>

Nota Liminar

Apresento a seguir uma tradução do fragmento 543 Page de Simônides de Céos. Utilizo sugestões e emendas propostas por David Campbell em seu *Greek Lyric III: Stesichorus, Ibycus, Simonides and Others* (1991).

O fragmento foi conservado por Dionísio de Halicarnasso em sua obra *Da Composição Literária*, que argumentara que o poema poderia ser lido como prosa, pois é difícil distinguir nele as divisões métricas, estrofes, antístrofes e epodos.

Conhecido como “Lamento de Dânae”, o poema é exemplar de características que a tradição reconhecera amiúde em Simônides.

Primeiramente, a sua capacidade de evocar πάθος e excitar a piedade de sua audiência. Para Dionísio de Halicarnasso, o modo como o poeta de Céos organizava as palavras de maneira a apelar para as emoções de sua audiência o tornava superior a Píndaro (*Da Imitação*, 2.420):

Σιμωνίδου δὲ παρατήρει τὴν ἐκλογὴν τῶν ὀνομάτων, τῆς συνθέσεως τὴν ἀκρίβειαν· πρὸς τοῦτοις, καθ' ὃ βελτίων εὐρίσκεται καὶ Πινδάρου, τὸ οἰκτίζεσθαι μὴ μεγαλοπρεπῶς ἀλλὰ παθητικῶς.

Examina a seleção de palavras em Simônides, a acribia em combiná-las, na qual, aliás, ele se mostra até melhor do que Píndaro, pois produz lamentos não em estilo elevado, mas com emoção [παθητικῶς].

De fato, Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 10.1.64) confirma essa posição, considerando como a maior virtude de Simônides a capacidade de evocar piedade (*commovenda miseratione virtus*). Catulo o invoca nesses termos, pedindo por “poucas palavras, certas, mais tristes que o lamento de Simônides” (Catulo, Poema 38, tradução de João Angelo Oliva Neto, 1996) e Horácio se afasta dele em nome de uma lira mais leve, que cante temas eróticos em vez do páthos típico do poeta grego, “*Ceiae...Neniae*”:

¹ Professor de Língua e Literatura Gregas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Sed ne relictis, Musa procax, iocis
Caeae retractes munera Neniae,
mecum Dionaeo sub antro
quaere modos levioere plectro.*

Mas não renoves, Musa audaz, do Ceio
As endechas, os jogos teus deixando;
Canta comigo em Dionéa gruta
Com mais ligeiro plectro. (Tradução de Elpino Duriense, 1941).

Nesse sentido, o fragmento 543 conforma-se a esta concepção antiga da obra de Simônides: quando um oráculo conta a Acrísio, pai de Dânae, que seu neto um dia o mataria, ele trancafia a jovem em uma câmara subterrânea. Mas Zeus, na forma de chuva dourada, facilmente acessa a câmara e engravida a princesa, que dá a luz ao herói Perseu. Quando o rei descobre, põe mãe e filho em uma arca e os lança ao mar. O poema é o lamento de Dânae em alto mar para seu bebê que dorme.

No entanto, registros sensoriais, sobretudo visuais, permeiam o poema e criam uma sucessão descritiva que parece distante de um lamento real (PEPONI, 2016, p.9): a referência às trevas da noite, à barca de bronze e até mesmo ao manto cor de púrpura e rosto plácido do bebê dão a entrever que a intenção do poeta seria compor um retrato ecfrástico, ou seja, um discurso repleto de vividez que traz o que é descrito ante os olhos da audiência.

A cuidadosa disposição de tonalidades – escuridão, luz, cores – e a sinestesia que desperta outros sentidos além da visão (o tato, na imagem das ondas do mar que passam pelos cabelos do infante; a audição, na imagem da “voz do vento” que o bebê não ouve) faz do poema um caso de “poesia como pintura falante”, o outro aspecto que definia a obra de Simônides na Antiguidade, tanto quanto seus lamentos, como evidencia Plutarco em seu opúsculo *Da Glória dos Atenienses* (346f):

πλὴν ὁ Σιμωνίδης τὴν μὲν ζωγραφίαν ποιήσιν σιωπῶσαν προσαγορεύει, τὴν δὲ ποιήσιν ζωγραφίαν λαλοῦσαν.

Além disso, Simônides chama à pintura de poesia silenciosa, e à poesia de pintura falante.

Tradução

543 Dionísio de Halicarnasso, *Da Composição Literária*

ἐκ δὲ τῆς μελικῆς τὰ Σιμωνίδεια ταῦτα· γέγραπται δὲ κατὰ διαστολὰς οὐχ ὦν Ἀριστοφάνης ἢ ἄλλός τις κατεσκεύασε κώλων ἀλλ' ὦν ὁ πεζὸς λόγος ἀπαιτεῖ. πρόσεχε δὴ τῷ μέλει καὶ ἀναγίνωσκε κατὰ διαστολὰς, καὶ εὖ ἴσθ' ὅτι λήσεται σε ὁ ρυθμὸς τῆς ῥοδῆς καὶ οὐχ ἕξεις συμβαλεῖν οὔτε στροφὴν οὔτε ἀντίστροφον οὔτ' ἐπωδόν, ἀλλὰ φανήσεται σοι λόγος εἷς εἰρόμενος. ἔστι δὲ ἡ διὰ πελάγους φερομένη Δανάη τὰς ἑαυτῆς ἀποδυρομένη τύχας·

Ὅτε λάρνακι
ἐν δαιδαλέᾳ
ἄνεμός τε μιν πνέων
κινηθεῖσά τε λίμνα δείματι
ἔρειπεν οὔτ' ἀδιάντοισι παρειαῖς
ἀμφί τε Περσεί βάλλε φίλαν χέρα
εἶπέν τε· ἦ τέκος, οἶον ἔχω πόνον·

σύ δ' ἄωτεῖς, γαλαθηνῶ
δ' ἦτορι κνωώσσεις
ἐν ἀτερπέι δούρατι χαλκεογόμφω
νυκτὶ <τ' ἄ> λαμπεί
κυανέω τε δνόφω σταλείς·
ἄχναν δ' ὑπερθε τεᾶν κομᾶν
βαθεῖαν παριόντος
κύματος οὐκ ἀλέγεις, οὐδ' ἀνέμου
φθόγγον, πορφυρέα
κείμενος ἐν χλανίδι, πρόσωπον καλόν.
εἰ δέ τοι δεινὸν τό γε δεινὸν ἦν,
καὶ κεν ἐμῶν ῥημάτων
λεπτὸν ὑπεῖχες οὔσας.

κέλομαι· εὔδε βρέφος,
εὐδέτω δὲ πόντος, εὐδέτω ἄμετρον κακόν·
μεταβουλία δέ τις φανείη,
Ζεῦ πάτερ, ἐκ σέο·
ὅττι δὴ θαρσαλέον ἔπος εὐχομαι
ἢ νόσφι δίκας,
σύγγνωθί μοι.

Os seguintes versos de Simônides, provenientes da poesia mélica, não foram escritos conforme as divisões métricas que Aristófanes ou qualquer outro preparou, mas demandam a prosa. Atenta a canção e lê conforme as divisões. Vê bem que o ritmo do poema te escapará, e não poderás agrupar nem estrofe, nem antístrofe e nem epodo, mas parecerás ler um texto em prosa. Trata-se de Dânae sendo levada em alto mar e lamentando a sua sorte:

[*Dânae*], na dedálea arca
quando o vento soprava
e o mar revoltado em pavor
a prostrava, não sem pranto no rosto
envolveu Perseu nos braços amáveis
e disse: “ah, filho, que aflição a minha!

Tu dormes, com inocente
peito rressonas
na triste barca de brônzeas cavilhas,
estendida na noite sem luz,
nas trevas escuras.
Da espuma do mar em teus cabelos,
profunda, quando passam
as ondas, tu não cuidas,
nem da voz do vento: repousando
em manto púrpura, é belo teu rosto.

Se o que é terrível te fosse terrível,
às minhas palavras
darias teus pequeninos ouvidos.

Dorme, meu bebê, te peço;
dorme, ó mar; dorme, ó mal imensurável!
Que surja de ti um sinal de mudança,
Zeus Pai, de tua vontade!
Mas se minha prece é insolente
ou sem justiça,

perdoa-me.”

Referências bibliográficas:

- CAMPBELL, David. *Greek Lyric III: Stesichorus, Ibycus, Simonides and Others*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- CAZZATO, Vanessa; LARDINOIS, André. *The Look of Lyric: Greek Song and the Visual*. Leiden, New York: Brill, 2016.
- HORÁCIO. *Obras Completas: Odes, Epodos, Carme Secular, Sátiras e Epístolas*. Em traduções de Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antônio Luiz de Seabra, Francisco Antônio Picot. São Paulo: Edições Cultura, 1941.
- OLIVA NETO, João Angelo. *O Livro de Catulo*. São Paulo: Edusp, 1996.
- PEPONI, Anastasia-Erasmia. “Introduction” in: CAZZATO & LARDINOIS (org.) *The Look of Lyric: Greek Song and the Visual*. Leiden, New York: Brill, 2016.

Recebido em Junho de 2017
Aprovado em Julho de 2017

